

Sol das seis

Ademar Pozzatti Júnior*

Sequer havia passado o luto e as marcas dele ainda estavam por toda a casa. Os livros ainda abertos. O copo com resto de café na mesa de leituras. Os óculos por guardar. Os tênis jogados na porta do quarto com os cadarços constantemente amarrados. Até a gravata *havana* usada no último sábado ainda está pendurada no puxador do armário. A colcha da cama meticulosamente delineando as formas do seu corpo altivo que ali repousou ainda na sesta. Tudo parecia tão cotidiano que sequer era possível acreditar. Tudo tão normal, tão imperceptivelmente normal. Uma normalidade que conforta e apreende. O teclado do computador puxado de sobre a mesa. A cadeira enviesada como se voltasse a ser usada a qualquer momento. O chinelo. O estojo aberto com as canetas para fora (sem a vermelha que ele tinha perdido várias vezes), a régua guia ao lado do livro *Iniciação ao Pensamento Complexo* que estava aberto estancado sobre a mesa. A caneta azul marcando a última página lida de *Dulce Veiga*. O telefone celular. Indicava bateria fraca e duas chamadas não atendidas. Pedro. Pedro.

A camisa ainda amarrotada sobre o cabideiro, junto com o *jeans* encintado. Camiseta do *Che*. *Hay que endurecer-se siempre, pero sin perder la ternura jamás*. O frasco de *Goultier* sem a tampa. O porquinho pesado de moedas. As estantes com os livros de uma vida, com os discos de uma vida também. Os quadros: *Hepburn* e *Thatcher* posando para uma capa *fake* da *Vogue*. Tudo tão coerente, tão aquiescente.

O mural com as fotos dos amigos, de sempre. Viagens. Namorada. Avô. *Gardel*. Irmã mais velha. Irmão mais novo. O *horário*. Escritura em papel: *no peito um coração não há, mas duas medalhas sim*.

* Mestrando em Relações Internacionais pelo CPGD/UFSC. Professor voluntário do CCJ/UFSC.

A agenda ainda estava sobre a escrivaninha, fechada. *Quarta-feira. 08 de novembro de 2006. 17h. Jogo com a galera. 21h. Niver da Carol no Santa Pizza. Ver Beleza Roubada.*

As leituras inacabadas ainda estavam todas sobre o criado mudo. *Plá, Jabor, Balzac, Paris em uma semana e Hamlet.* A última *Playboy*. O toca-discos com muitos cd's de jazz e bossa a serem ouvidos. A caixa do *Play* estava aberta e vazia acima de todas.

Tudo era tão natural. Tão sublime e tão fugaz. Silencioso. Parcimonioso. Sol das seis.

Parecia que a qualquer momento ouviria barulhos na escada, a porta se abriria, e ele, ainda com o *iPod* nos ouvidos, *'I hope you guest my name'*, com aqueles olhos brilhantes como sempre. Incisivos. Fixados nos meus, aquiescentes. Me falaria qualquer coisa que me deixasse feliz e inflasse meu ego. Me pusesse no pódio. Me fizesse sorrir. Me convencesse, com aquele olhar, que valia a pena, por efêmeros instantes que não acabariam mais.

O passado. O presente. O futuro. Estavam todos lá. O sangue também ainda estava todo lá. O corpo não.

Pozzatti